

EDITORIAL

Fechando o ano de 1988 a Revista Brasileira de Cancerologia traz neste número os vários programas de prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer, desenvolvido em conjunto pelo Ministério da Saúde/Campanha Nacional de Combate ao Câncer, através do Pro-Onco e o Ministério da Previdência e Assistência Social, através do INAMPS/Hospital de Oncologia.

Destacam-se o Projeto de Expansão da Prevenção e Controle do Câncer Cérvico-Uterino, o Projeto de Expansão da Prevenção do Controle do Câncer de Boca, o Suporte Terapêutico Oncológico ao Paciente Fora de Possibilidades Terapêuticas Atuais, o Programa Nacional de Combate ao Fumo e o Subprograma de Educação em Cancerologia, todos de importância para o controle da doença no país.

Merece menção o setor de Educação em Cancerologia, que permanece como um dos pontos de discussão aberta e franca na medicina. Postas de lado — para já com isto obter alguma simplificação — as qualificações de cada médico e de cada serviço envolvido, que diferenças haveria no tratamento de (digamos) um câncer gástrico quando realizado por cirurgião gastrenterológico ou por cirurgião oncologista? Em princípio, devem ambos estar qualificados para a tarefa. Mas considerando o grau de exclusividade de atuação de cada um, é concebível esperar no primeiro, maior familiaridade com as complicações específicas dessas cirurgias, como as disfunções hidroeletrólíticas pós-operatórias, por exemplo, e no segundo maior aptidão para antecipar o trabalho do oncologista clínico que desse seguimento ao tratamento cirúrgico — para ficarmos somente com um exemplo simplificador. Pois bem: não de ser questões desta ordem que subjazem à questão maior do ensino da cancerologia nas faculdades de medicina no Brasil. Qualquer das duas opções — a oncologia como setor autônomo de ensino ou como área atomizada a ser ensinada em cada especialidade, como subcapítulo — é defensável, se considerarmos a ambas em um nível teórico de excelência — no ensino, no aprendizado, na prática. Mas será que é do nível da excelência, a realidade brasileira do ensino médico, do aprendizado e da prática diária? Tudo leva a crer que não. É preciso contar *também* com este complicador.

Jorge Wanderley
Editor